

Rodolfo de Castro Salvato

Saúde e Religião,
uma análise das perspectivas apresentadas pela
Logoterapia

Trabalho acadêmico apresentado ao Professor Marco Antonio, da disciplina de monografia, como exigência parcial para conclusão do curso Bacharel em Teologia da Universidade Metodista Bennett.

Centro Universitário Bennett

Rio de Janeiro – Novembro/ 2004

Aprovado por:

Profº Drº Edson Fernando de Almeida
Orientador

Profº Marco Antônio de Oliveira
Profº da Disciplina Monografia II

Rio de Janeiro,2004.

Dedicatória

Para todos que desejam encontrar um sentido para suas vidas.

Agradecimentos

A Deus por ter me dado forças durante todo o meu período de faculdade. A realização deste trabalho só veio a comprovar a sua fidelidade.

Ao meu pai querido que nunca duvidou da minha capacidade e sempre me incentivou quando parecia desanimar. A minha querida mamãe, pela sua paciência e compreensão. Aos meus irmãos pelo seu carinho.

A minha noiva e futura esposa Bianca, fonte das minhas inspirações, meu bem mais precioso, minha perola rara. Se consegui terminar este trabalho, foi porque estava pensando no nosso lindo e maravilhoso futuro. Eu te amo muito!

Ao meu professor de monografia Marco Antonio, pelos seus conselhos.

Ao meu orientador professor Edson, este trabalho foi concluído graças a sua maravilhosa orientação e incentivo, sem o senhor jamais poderia ter terminado.

Aos meus amigos, pelo seu enorme apoio e a certeza de um ombro, onde pude descarregar todas as minhas magoas e lágrimas.

Ao Dr. Viktor Frankl, pai da logoterapia, por ter aberto ainda mais os meus olhos para entender o sentido da minha vida.

Sumario

INTRODUÇÃO	7
I – INTRODUÇÃO A LOGOTERAPIA	10
1. A vida e a obra de Viktor Frankl.....	10
2. Conceitos da Logoterapia.....	13
2.1 A Vontade do sentido.....	14
2.2 Frustração existencial.....	15
2.3 Neurose noogenicas	15
2.4 Noodinâmica	16
2.5 O vazio existencial.....	17
2.6 O sentido da vida.....	18
2.7 A essência da existência	19
2.8 O sentido do amor	20
2.9 O sentido do sofrimento	20
2.10 Problemas metaclínicos	21
2.11 O supra-sentido	22
2.12 A transitoriedade da vida	22
2.13 A neurose coletiva	23
2.14 Crítica ao pandeterminismo	24
II – LOGOTERAPIA E TEOLOGIA	25
1. O Inconsciente Espiritual	25
2. Religiosidade Inconsciente	29
3. Psicoterapia e religião.....	33
4. Logoterapia e Teologia	36
III – LOGOTERAPIA NA PRÁTICA	41

1. Perspectivas da Logoterapia Clínica	41
2. Compreendendo o Sofrer	47
3. A prática da logoterapia no aconselhamento pastoral.....	54
CONCLUSÃO	57
BIBLIOGRAFIA	59
1. Livros	59
2. Periódicos.....	60
3. Documentos e dados da Internet.....	61

Introdução

Em princípio meu primeiro tema proposto seria o de saúde integral, fazendo uma abordagem do ser humano como um todo, cuidando do corpo, do psicológico e do espírito. A partir das pesquisas feitas sobre este tema descobri a logoterapia de Viktor Frankl. Ciência esta que faz uma ponte entre a religião e a razão. Discuti a proposta de pesquisa com meu orientador que sugeriu fazer um trabalho inspirado na logoterapia, a fim de aprofundar um pouco mais as relações entre a saúde e a religião.

A certeza de desenvolver o tema sugerido, veio quando comecei a ler um livro que falava sobre a logoterapia e percebi que ela se encaixava exatamente naquilo que gostaria de abordar. Por ser também estudante de medicina além de estudante de teologia, queria fazer um trabalho que ligasse estas duas áreas que para muitos estão muito distantes umas das outras. Mas é só observamos como a estrutura de um hospital funciona e o comportamento dos pacientes, que levam para o seu leito de internação objetos religiosos como bíblia, crucifixos, santos, que veremos a sua ligação clara e óbvia. É incrível e ao mesmo tempo desanimador, ver os médicos e os acadêmicos tratando os pacientes como objetos, ignorando

o seu bem estar humano e ao mesmo tempo ver os pastores ou padres visitando os enfermos, ignorando o lado medicinal.

Outro ponto que não podemos ignorar é a total falta de sentido que se encontra a sociedade atual. Não me espanta em ver as pessoas se enganando por qualquer coisa que lhe oferecem. Existe hoje um clamor universal no mundo, que é escutado principalmente nas áreas onde estão concentradas as grandes massas. Parece que quanto mais a população se aglomera, quanto maior a globalização mundial avança, mais este grito por socorro é escutado. O grito por um sentido para vida, esta presente desde os mais jovens até os mais velhos, entre os grandes poderosos e políticos até os mais marginalizados e empobrecidos, entre os filósofos e os cantores de funk dos subúrbios, entre os pastores e padres, e até mesmo presentes entre os agnósticos e os ateus.

Não importa a sua raça, língua, nação ou crença, o clamor por um sentido esta introjetado em nossos genes, se faz presente no DNA humano. Não me admira ver a grande maioria da população vivendo um totalitarismo ou um conformismo. Com o consumismo aumentado e a banalização do sexo cada vez presente nas famílias mais tradicionais. Toda a estrutura familiar, toda uma estrutura educativa, toda uma religiosidade que duraram dois mil anos para serem aprendidas e aprimoradas estão caindo sobre os nossos olhos, influenciados sobretudo, pela televisão e os computadores. A humanidade esta tomando a forma mais primitiva que um dia ela já alcançou, uma sociedade sem tradições e assim, sem limites. Todos falam em liberdade, qualquer pregador que queira persuadir uma grande massa, pode fazê-lo utilizando dois argumentos tão primitivos e ao mesmo tempo exuberantes em cada propaganda: aproveite a sua liberdade e viva seus próprios prazeres.

Quando alguns autores comentam que Viktor Frankl estava acima de seu tempo, e a Logoterapia seria a grande psicoterapia do século vinte um, estavam querendo dizer que ele já havia previsto a catástrofe da sociedade atual. Onde a falta de um sentido para vida

levaria o homem a uma síndrome, conjunto de sinais e sintomas, que será bastante discutida e presente na maioria da população mundial, o vazio existencial.

Todo o esforço presente na humanidade de hoje é em prol do disfarce deste vazio. O que mais o homem se preocupa é: criar mascaras que tentam disfarçar a clara presença deste fator, vital para uma boa qualidade de vida. Assim, na Logoterapia, existem vários conceitos e neuroses, para explicar o que todos querem ouvir, mas não querem escutar. Viver alienado, para muitos já é uma questão de sobrevivência.

O desenvolvimento deste trabalho se baseia nos princípios aplicados pela Logoterapia que merecem destaque para ajudar o mundo atual a encontrar o sentido da vida. Para muitos a religião separa, mas ao contrario, ela esta presente em cada ser humano, mesmo que seja no seu inconsciente. Todo ser criado procura saber quem o criou, não se incentiva uma criança a procurar seu pai ou sua mãe, ela mesma, pelos seus próprios sentidos, procura saber quem são. Unir a saúde racional e física, representada pelas ciências médicas, a uma saúde religiosa, representada pela teologia, e aumentar o dialogo entre elas, é um dos pontos principais a serem discutidos durante o desenvolvimento deste trabalho. Para isso, nada mais que compreensível, se basear numa terapia inovadora que visa à união destas, a Logoterapia.

I – Introdução a Logoterapia

1. A vida e a obra de Viktor Frankl

Viktor Emil Frankl, nascido em Viena em 26 de março de 1905, foi grande nas três dimensões em que se pode medir um homem por outro homem: a inteligência, a coragem, o amor ao próximo. Mas foi maior ainda naquela dimensão que só Deus pode medir: na fidelidade ao sentido da existência, à missão do ser humano sobre a Terra.

Homem de ciência, neurologista e psiquiatra, não foi o estudo que lhe revelou esse sentido. Foi a temível experiência do campo de concentração. Milhões passaram por essa experiência, mas Frankl não emergiu dela carregado de rancor e amargura. Saiu do inferno de Theresienstadt levando consigo a mais bela mensagem de esperança que a ciência da alma deu aos homens deste século.

O que possibilitou esse milagre singular foi a confluência oportuna de uma decisão pessoal e dos fatos em torno. A decisão pessoal: Frankl entrou no campo firmemente determinado a conservar a integridade da sua alma, a não deixar que seu espírito fosse abatido pelos carrascos do seu corpo. Os fatos em torno: Frankl observou que, de todos os prisioneiros, os que melhor conservavam o autodomínio e a sanidade eram aqueles que

tinham um forte senso de dever, de missão, de obrigação. A obrigação podia ser para com uma fé religiosa: o prisioneiro crente, com os olhos voltados para o julgamento divino, passava por cima das misérias do momento. Podia ser para com uma causa política, social, cultural: as humilhações e tormentos tornavam-se etapas no caminho da vitória. Podia ser, sobretudo, para com um ser humano individual, objeto de amor e cuidados: os que tinham parentes fora do campo eram mantidos vivos pela esperança do reencontro. Qualquer que fosse a missão a ser cumprida, ela transfigurava a situação, infundindo um sentido ao sem sentido do presente. Esse senso de dever era a manifestação concreta do amor - o amor pelo qual um homem se liberta da sua prisão externa e interna, indo em direção àquilo que o torna maior que ele mesmo.

O sentido da vida, concluiu Frankl, era o segredo da força de alguns homens, enquanto outros, privados de uma razão para suportar o sofrimento exterior, eram acossados desde dentro por um tirano ainda mais pérfido que Hitler - o sentimento de viver uma futilidade absurda.

Frankl tinha três razões para viver: sua fé, sua vocação e a esperança de reencontrar a esposa. Ali onde tantos perderam tudo, Frankl reconquistou não somente a vida, mas algo maior que a vida. Após a libertação, reencontrou também a esposa e a profissão, como diretor do Hospital Policlínico de Viena.

Das reflexões de Frankl sobre a experiência do absurdo nasceu um dos mais impressionantes sistemas de terapia criados no século dos psicólogos: a logoterapia, ou terapia do sentido.

Frankl apostou no sentido da vida e na força cognoscitiva da mente individual. Apostou nos dois azarões do páreo filosófico do século XX, desprezados por psicanalistas, marxistas, pragmatistas, semióticos, estruturalistas, desconstrucionistas - por todo o pomposo cortejo de cegos que guiam outros cegos para o abismo. Apostou e venceu. A

teoria da logoterapia resistiu bravamente a todas as objeções, sua prática se impôs em inúmeros países como o único tratamento admissível para os casos numerosos em que a alma humana não é oprimida por fantasias infantis mas pela realidade da vida. Por isto mesmo a crítica cultural de Frankl, parte integrante de uma obra onde o médico e o pensador não se separam um momento sequer, tem um alcance mais profundo do que todas as suas concorrentes. Desde seu posto de observação privilegiado, ele pôde enxergar o que nenhum intelectual deste século quis ver: a aliança secreta entre a cultura materialista, progressista, democrática, científicista, e a barbárie nazista. Aliança, sim: seria apenas uma coincidência que o século mais empenhado em negar nas teorias a autonomia e o valor da consciência também fosse o mais empenhado em criar mecanismos para dirigi-la, oprimi-la e aniquilá-la na prática? Dirigindo-se a um público universitário norte-americano, Viktor Frankl pronunciou estas palavras onde à lucidez se alia a uma coragem intelectual fora do comum:

"Não foram apenas alguns ministérios de Berlim que inventaram as câmaras de gás de Maidanek, Auschwitz, Treblinka: elas foram preparadas nos escritórios e salas de aula de cientistas e filósofos niilistas, entre os quais se contavam e contam alguns pensadores anglo-saxônicos laureados com o Prêmio Nobel. É que, se a vida humana não passa do insignificante produto acidental de umas moléculas de proteína, pouco importa que um psicopata seja eliminado como inútil e que ao psicopata se acrescentem mais uns quantos povos inferiores: tudo isto não é senão raciocínio lógico e conseqüente." ¹

Com declarações desse tipo, ele pegava pela goela os orgulhosos intelectuais denunciadores da barbárie e lhes devolvia seu discurso de acusação, desmascarando a futilidade suicida de teorias que não assumem a responsabilidade de suas conseqüências históricas. Pois o mal do mundo não vem só de baixo, das causas econômicas, políticas e militares que a aliança acadêmica do pedantismo com o simplismo consagrou como explicações de tudo. Vem de cima, vem do espírito humano que aceita ou rejeita o sentido

¹ Viktor Frankl, *Sede de Sentido*. São Paulo, Editora Quadrante, 1989, pág. 45.

da vida e assim determina, às vezes com trágica inconseqüência, o destino das gerações futuras.

Frankl era judeu, como foram judeus alguns dos criadores daquelas doutrinas materialistas e desumanizastes que prepararam, involuntariamente, o caminho para Auschwitz e Treblinka. Se ele pôde ver o que eles não viram, foi porque permaneceu fiel à liberdade interior que é a velha mensagem do Sentido em busca do homem: "SE ME ACEITAS, Israel, Eu sou o Teu Deus."

2. Conceitos da Logoterapia

Uma tradução literal do termo "logoterapia" é "terapia através do sentido", que também pode ser traduzido como "cura através do significado", mas isto daria um significado muito religioso, e a religião não está inserida na logoterapia. A palavra "*logos*" é uma palavra grega que significa sentido. Resumidamente, podemos dizer que a logoterapia é uma (psico) terapia centrada no sentido. A busca de sentido na vida de uma pessoa é a sua principal força motivadora.

O conceito de uma *terapia através do significado* é exatamente o contrário do sentido tradicional de psicoterapia que, antes, poderia ser definida como *significado através da terapia*. Na verdade, se a psicoterapia tradicional enfrenta honestamente o problema no sentido e do escopo do viver, ela o faz porque está com disposição para recomendações, para dizer-lhes que, sempre que tiverem resolvido suas situações edípicas, sempre que tiverem superado seus temores de castração, vocês serão felizes, realizarão a si mesmo e suas possibilidades potenciais e serão aquilo que vocês se propunham ser². Por esta razão, a logoterapia costuma falar de uma *vontade de sentido*, a contrastar com o princípio do prazer (ou, vontade do prazer) no qual repousa a psicanálise freudiana, e contrastando ainda com a

² Viktor Frankl, Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo, 10ª ed. São Paulo, editora Santuário, 1989, pág 14.

vontade do poder, enfatizada pela psicologia adleriana através do uso do termo “busca de superioridade”³.

Os conceitos que serão citados a seguir, representam a décima parte do que eles representam na verdade. O intuito de citá-los, foi com o objetivo de dar uma breve noção sobre o que é a Logoterapia, qual o seu estudo, onde surgiu e em que se baseia. Alguns foram explicados um pouco melhor, mais muitos estão representados resumidamente.

A Vontade do sentido

A busca do ser humano por um sentido é a motivação primária em sua vida, e não uma “racionalização secundária” de impulsos instintivos. Alguns autores sustentam que sentidos e valores são “nada mais que mecanismos de defesa, formações reativas e sublimações”⁴. Viktor Frankl faz um comentário bastante sarcástico sobre estes conceitos quando diz:

“Pelo que toca em mim, eu não estaria disposto a viver em função dos meus mecanismos de defesa e nem tampouco estaria disposto a morrer simplesmente por amor as minhas “formas reativas”. Mas estaria disposto a viver e até morrer pelos meus ideais e valores.”⁵

Uma pesquisa foi feita com 7.948 alunos, em 48 universidades dos EUA e foi conduzida por cientistas sociais e seu informe preliminar é parte de um estudo de dois anos patrocinado pelo Instituto Nacional de Saúde Mental dos EUA. Perguntaram sobre o que consideravam “muito importante” para eles naquele momento, 16% dos estudantes

³ Viktor Frankl, Em busca do sentido: um psicólogo no campo de concentração. 2ª ed, São Leopoldo/ Sinodal; Petrópolis/ Vozes, 1991, p.92.

⁴ Idem.

⁵ Idem.

responderam “ganhar muito dinheiro”, 78% afirmaram que o seu principal objetivo era “encontrar um propósito e sentido para a sua vida”⁶.

Naturalmente, pode haver casos em que a preocupação de um indivíduo com valores é, na realidade, uma camuflagem de conflitos interiores ocultos, mas estes casos são exceções a regra. Devido a isto, estes valores ou pseudovalores deverão ser desmascarados e neste caso o desmascaramento deveria cessar no momento em que deparamos com que é autêntico e genuíno na pessoa e aí encontramos exatamente a busca do ser humano por uma vida dotada de sentidos.

Frustração existencial

A vontade do sentido pode ser frustrada e neste caso a logoterapia fala de “frustração existencial”. E este termo pode ser usado de três maneiras: 1- a existência em si mesma, isto é, ao modo especificamente humano de ser; 2- ao sentido da existência; 3- a busca por um sentido concreto na existência pessoal, ou seja à vontade de sentido⁷.

A frustração existencial também pode resultar em neurose. Para esse tipo de neurose, a logoterapia cunhou o termo “neuroses noogénicas”, isto é, neuroses psicogénicas.

Neurose noogénicas

As neuroses noogénicas não surgem de conflitos entre impulsos e instintos mas de problemas existenciais. Entre esses problemas, a frustração da vontade de sentido desempenha um papel central.

⁶ Viktor Frankl, Em busca do sentido, pág 92.

⁷ Idem.

No mundo de hoje, temos muitas pessoas insatisfeitas com a área na qual elas trabalham. Muitas delas não abandonam seus empregos, mesmo estando insatisfeitas, pelo medo do desemprego ou pelo emprego que elas almejam não proporcionar o mesmo status que ela ocupa atualmente. Desta forma, vemos muitos casos onde à vontade de sentido é frustrada pela sua vida profissional. Nestes casos, a cura ocorre pelo simples encorajamento desta pessoa a uma nova área de trabalho na qual ela se satisfaça melhor.

Nem todo conflito é necessariamente neurótico, certa dose de conflito é normal e sadia. De forma similar, o sofrimento não é sempre um fenômeno patológico; em vez de sintoma de neurose, o sofrimento pode ser perfeitamente uma realização humana, especialmente se o sofrimento emana de frustração existencial. A preocupação ou mesmo o desespero da pessoa sobre se a sua vida vale a pena ser vivida é uma angústia existencial, mas de forma alguma uma doença mental. É bem possível que interpretar aquela em termos desta motive um médico a soterrar o desespero existencial do seu paciente debaixo de um monte de tranqüilizantes. Sua função, no entanto, é de guiar o paciente através das crises existenciais de crescimento e desenvolvimento. A logoterapia considera sua tarefa ajudar o paciente a encontrar sentido para sua vida ⁸.

Noodinâmica

A busca por sentido pode causar tensão interior em vez de equilíbrio interior. Entretanto, justamente esta tensão é um pré-requisito indispensável para a saúde mental. Dizem que nada no mundo contribui tão efetivamente para a sobrevivência, mesmo na piores condições, como saber que a vida da gente tem um sentido.

⁸ Viktor Frankl, Em busca do sentido, pág 94.

Pode –se dizer que a saúde mental está baseada em certo grau de tensão, tensão entre aquilo que já se alcançou e aquilo que se deve alcançar.

Essa tensão é inerente ao ser humano e, por isso, indispensável ao bem-estar mental. O ser humano não precisa de homeostase, mas daquilo que chamamos de “noodinâmica”, isto é, da dinâmica existencial num campo polarizado de tensão, onde um pólo esta representando por um sentido a ser realizado e o outro pólo, pela pessoa que deve realizá-lo⁹.

O vazio existencial

O vazio existencial é um fenômeno muito difundido no séc XX e se prolonga para o séc XXI. O ser humano perdeu a segurança da sua existência, e tal segurança, assim como o paraíso, esta cerrado ao ser humano para todo o sempre. Ele agora precisa fazer opções. As tradições que serviam de apoio para o seu comportamento, atualmente vêm diminuindo com grande rapidez. Nenhum instinto lhe diz o que se deve fazer e não há tradição que lhe diga o que ele deveria fazer, às vezes ele não sabe sequer o que deseja fazer. Em vez disso, ele deseja fazer o que os outros fazem (conformismo), ou ele faz o que outras pessoas querem que ele faça (totalitarismo)¹⁰.

Vamos pegar como exemplo à “neurose dominical”, aquela espécie de depressão que acomete pessoas que se dão conta da falta de conteúdo de suas vidas quando passa o corre-corre da semana atarefada e o vazio dentro delas se torna manifesto. Não são poucos os casos de suicídio que podem ser atribuídos a este vazio existencial. Fenômenos tão difundidos como depressão, agressão e vícios não podem entendidos se não reconhecemos o vazio existencial subjacentes a eles.

⁹ Viktor Frankl, Em busca do sentido, pág 95.

¹⁰Idem.

Existem diversas mascaras e disfarces que transparecem o vazio existencial. Pode ser pela vontade de dinheiro e poder, pela vontade do prazer, onde o libido sexual aumenta assume proporções descabidas no vazio existencial.

O sentido da vida

O que se pode dizer quando alguém pergunta qual o sentido da vida? Seria muita prepotência da parte dos médicos responder a questão em termos genéricos. Isto porque o sentido da vida difere de pessoa para pessoa, de um dia para o outro, de uma hora para outra. O que importa, por seguinte, não é o sentido da vida de um modo geral, mas antes o sentido específico da vida de uma pessoa em dado momento ¹¹. Esta questão seria comparável se perguntássemos para o melhor técnico de futebol qual seria a melhor jogada do mundo? Simplesmente não existe a melhor jogada ou pior jogada, isto iria variar de acordo com o adversário e o jogo que esta sendo jogado. O mesmo é valido para a existência humana. Não se deveria procurar um sentido abstrato da vida. Cada qual tem sua própria vocação ou missão específica da vida, a tarefa de cada um é tão singular como a oportunidade específica de levá-la a cabo.

Concluído, cada pessoa é questionada pela vida, e ela somente pode responder a vida respondendo por sua própria vida, a vida ela somente pode responder sendo responsável. Assim, a logoterapia vê na responsabilidade a essência propriamente dita da existência humana ¹².

¹¹ Viktor Frankl, Em busca do sentido, 17ª ed, pág 98.

¹² Idem.

A essência da existência

A ênfase na responsabilidade se reflete no imperativo categórico da logoterapia, que diz: “Viva como se já estivesse vivendo pela segunda vez, e como se na primeira vez você tivesse agido tão errado como estas prestes a agir agora.” Nada estimula tanto o senso de responsabilidade de uma pessoa como esta máxima, a qual a convida a imaginar primeiro que o presente é passado e, em segundo lugar, que o passado ainda pode ser alterado e corrigido. A logoterapia procura criar no paciente uma consciência plena de sua própria responsabilidade, por isso precisa deixar que ele opte pelo que, perante que ou perante quem ele julga responsabilidade ¹³.

A logoterapia não é instrução nem pregação. O papel da logoterapia consiste em ampliar e largar o campo visual do paciente de modo que todo o espectro de sentido em potencial se torne consciente e visível para ele ¹⁴.

Ao declarar que o ser humano é uma criatura responsável e precisa realizar o sentido potencial de sua vida, pode se dizer que o verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo, e não dentro da pessoa humana ou de sua psique, como se fosse um sistema fechado. Denominamos isto de “a autotranscendencia da existência humana”, que denota o fato de que o ser humano sempre aponta e se dirige para o algo ou alguém diferente de si mesma. Quanto mais a pessoa esquecer de si mesma- dedicando-se a servir uma causa ou amar outra pessoa – mais humana será e mais se realizara. Uma autorealização só é possível como efeito colateral da autotranscendencia ¹⁵.

¹³ Viktor Frankl, Em busca do sentido, pág 99

¹⁴ Idem.

¹⁵ Idem.

Então de acordo com a logoterapia podemos descobrir este sentido da vida de três diferentes formas: 1. criando um trabalho ou praticando um ato; 2. experimentando algo ou encontrando alguém; 3. pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável ¹⁶.

O sentido do amor

A segunda maneira de encontrar um sentido na vida é experimentando algo – como bondade, a verdade e beleza – experimentando a natureza e cultura, ou ainda, experimentando outro ser humano em sua originalidade única – amando-o.

Amor é a única maneira de captar outro ser no íntimo da sua personalidade. Ninguém consegue ter consciência da essência última de outro ser humano sem amá-lo. Pelo amor a pessoa consegue enxergar o que está potencialmente contido na pessoa amada. E além disto à pessoa que ama capacita o amado a realizar estas potencialidades.

Na logoterapia o amor não é interpretado como mero epifenômeno¹⁷ de impulsos e instintos no sentido de uma assim chamada sublimação. O amor é um fenômeno tão primário como o sexo. Normalmente o sexo é uma modalidade de expressão do amor. O sexo se justifica, e é santificado, no momento em que for veículo do amor, porém apenas enquanto for. Desta forma o amor não é um mero efeito colateral do sexo, mas o sexo é uma maneira de expressar o amor.

O sentido do sofrimento

Nunca devemos esquecer que também encontramos o sentido da vida no sofrimento, situações sem esperança, quando enfrentamos uma fatalidade que não pode ser mudada.

¹⁶ Viktor Frankl, Em busca do sentido, pág 99

¹⁷ Fenômeno que ocorre como resultado de um fenômeno primário.

Quando já não somos capazes de mudar uma situação – como uma doença incurável como o câncer e aids ou a perda de um ente querido– somos desafiados a mudar a nós próprios.

São inúmeros os casos de pessoas que se deparam com situações ou tribulações, que são incapazes de ter uma solução aparentemente. Mas no decorrer de suas vidas, estas conseguem superá-los e assim achar um sentido para o seu sofrimento. Um dos princípios fundamentais da logoterapia está em que a principal preocupação da pessoa humana não consiste em obter prazer ou evitar a dor, mas antes ver um sentido em sua vida. Esta é a razão por que o ser humano está pronto até a sofrer, sob a condição, é claro, de que o seu sofrimento tenha um sentido ¹⁸.

É preciso deixar claro que o sofrimento de modo algum é necessário para encontrar o sentido, pois sofrer desnecessariamente é o ser masoquista e não heróico. Desta forma o sentido da vida é um sentido incondicional, por incluir até o sentido potencial de sofrimento inevitável.

Problemas metaclínicos

Os problemas metaclínicos são inúmeros, e surgem a medida que as diversas áreas, representadas pelas suas próprias terapias, confrontam suas idéias. Mas, para destacar uma confluência entre elas, podemos ver o caso de psiquiatras que são procurados por pacientes que os confrontam com problemas humanos e não tanto com sintomas neuróticos. Parte das pessoas que hoje buscam um psiquiatra teriam procurado um pastor, sacerdote ou rabino em épocas anteriores. Agora elas freqüentemente recusam seu encaminhamento para clérigos ao contrario, confrontam o médico com questões como: “Qual é o sentido da minha vida?” ¹⁹.

¹⁸ Viktor Frankl, Em busca do sentido, pág 101.

¹⁹ Idem.

O supra-sentido

Esse ultimo sentido necessariamente excede e ultrapassa a capacidade intelectual finita do ser humano; na logoterapia falamos neste contexto de um supra-sentido. O que se requer da pessoa não é aquilo que alguns filósofos existenciais ensinam, ou seja, suportar a falta de sentido da vida, o que se propõe é antes, suportar a incapacidade de compreender, em termos racionais, o fato de que a vida tem um sentido incondicional. O *logos* é mais profundo que a lógica²⁰.

Quando um paciente esta sobre o chão firme da fé religiosa, não se pode objetar ao uso do efeito terapêutico das suas convicções espirituais. Para esse fim, devemos nos colocar no lugar da pessoa para compreendê-la.

A transitoriedade da vida

Entre as coisas que parecem tirar o sentido da vida estão não apenas o sofrimento, mas também a morte. Os únicos aspectos realmente transitórios da vida são as potencialidades; porém no momento em que são realizadas, elas se transformam em realidades; são resgatadas e entregues ao passado, no qual ficam a salvo e resguardados da transitoriedade. Isto porque no passado nada esta irremediavelmente perdido, mas está tudo irrevogavelmente guardado²¹.

Sendo assim, a transitoriedade da nossa existência, de forma alguma, lhe tira o sentido. Mas ela constitui nossa responsabilidade, porque tudo depende de nos conscientizarmos das responsabilidades essenciais transitórias. O ser humano esta constantemente fazendo uma

²⁰ Viktor Frankl, Em busca do sentido, pág 105.

²¹ Idem.

opção diante da massa de potencialidades presentes; quais delas serão condenadas ao não – ser, e quais serão concretizadas? Qual opção se tornará realidade de uma vez para sempre, imortal, como uma “pegada nas areias do tempo”? A todo e qualquer momento, a pessoa precisa decidir, para o bem ou para o mal, qual será o monumento de sua existência ²².

Não existem dúvidas de que geralmente a pessoa somente leva em conta o campo de restolhos da transitoriedade e se esquece dos abarrotados celeiros do passado, onde ela guardou, de uma vez por todos, os seus atos, suas alegrias e também seu sofrimento. Nada pode ser defeito, nada pode ser eliminado, ter sido é a mais segura forma de ser ²³.

A neurose coletiva

Cada época tem sua neurose coletiva, e cada época necessita de sua própria psicoterapia para enfrentá-la. O vazio existencial, que é a neurose em massa da atualidade, pode ser descrito como forma primitiva e pessoal de niilismo, o niilismo por sua vez, pode ser definido como a posição que diz não ter sentido o ser ²⁴.

Existe um perigo inerente na doutrina do “nada mais que” plicado á pessoa humana, a teoria de que o ser humano é “nada mais que” o resultado de condicionantes biológicos, psicológicos e sociológicos, ou produto da hereditariedade e do meio ambiente. Semelhante visão do ser humano faz o neurótico acreditar no que ele já tende a pensar de qualquer forma, a saber, que é um verdadeiro fantoche, vítima de influências externas ou circunstâncias internas. Este fatalismo neurótico é fomentado e reforçado por uma psicoterapia que nega a liberdade à pessoa humana ²⁵.

²² Viktor Frankl, Em busca do sentido, pág 106.

²³ Idem.

²⁴ Idem.

²⁵ Idem.

Critica ao pandeterminismo

Pandeterminismo seria a visão só ser humano que descarta a sua capacidade de tomar uma posição frente a condicionantes quaisquer que sejam. O ser humano não é completamente condicionado e determinado, ele mesmo determina se cede aos condicionantes ou se lhe resiste, o ser humano em ultima análise é autodeterminante. Ele não simplesmente existe, mas sempre decide qual será a sua existência, o que ele se tornará no momento seguinte.

Da mesma forma todo ser humano tem a liberdade de mudar a qualquer instante. Assim, uma das principais características da existência humana esta na capacidade de se elevar acima das condições biológicas, psicológicas ou sociológicas, e crescer para além delas. O ser humano é capaz de mudar o mundo para melhor, se possível, e de mudar a si mesmo para melhor, se necessario. O ser humano é mais do que psique.

A liberdade, no entanto, não é a ultima palavra. Liberdade é apenas o aspecto negativo do fenômeno integral cujo aspecto positivo é responsabilidade. Na verdade a liberdade está em perigo de se degenerar, transformando-se em mera arbitrariedade, a menos que seja vivida em termos de responsabilidade.

II – Logoterapia e Teologia

1. O Inconsciente Espiritual

O conceito de inconsciente, não diz respeito apenas de algo instintivo, mas também de um inconsciente espiritual. Desta forma, o conteúdo inconsciente fica consideravelmente ampliado, diferenciando-se em instintividade inconsciente e espiritualidade inconsciente. Assim a logoterapia – considerada uma “psicoterapia a partir do espiritual” – inclui o espiritual no inconsciente tentando introduzir a prática médica no espiritual, como âmbito essencialmente diferente e independente da esfera psicológica *stricto sensu*, constituída um complemento necessário à psicoterapia tradicional²⁶.

Freud viu no inconsciente apenas a instintividade inconsciente, para ele, o inconsciente era apenas um reservatório de instintividade reprimida. Na realidade, não só o instintivo é inconsciente, mas o espiritual também. O espiritual, assim como a própria existência, é algo imprescindível e, enfim, necessário, por ser essencialmente inconsciente. Num certo sentido, a existência é sempre irrefletida, simplesmente porque não pode ser objeto de reflexão.

²⁶ Viktor Frankl, A presença ignorada de Deus. São Leopoldo/ Sinodal; Petrópolis/ Vozes, 1992. pág 18.

O ser humano não é apenas um “ser que decide”, mas também um “ser separado”. Ser humano não significa outra coisa senão ser indivíduo. Como tal, porém, esta sempre centrado. O que porém, se encontra neste seu centro? O que preenche este meio? Lembremos porém da definição de Max Scheler sobre a pessoa: ele a entende como detentora, mas também como “centro” de atos espirituais. Sendo assim, a pessoa aquela da qual se originam os atos espirituais, ela também constitui o centro espiritual em torno do qual se agrupa o psicofísico²⁷.

O fato do ser humano estar centrado como indivíduo em uma pessoa determinada (como centro espiritual existencial), e somente por isso, o ser humano é também um ser integrado: somente a pessoa espiritual estabelece unidade e totalidade do ente humano. Ela forma esta totalidade como sendo bio-psico-espiritual²⁸. Não será demais enfatizar que somente esta totalidade tripla torna o homem completo. Portanto, não se justifica, como freqüentemente ocorre, falar do ser humano como uma “totalidade corpo-mente”; corpo e mente podem constituir uma unidade, por exemplo, a “unidade” psicofísica, porém jamais esta unidade seria capaz de representar a totalidade humana. A esta totalidade, ao homem total, pertence o espiritual, e lhe pertence como a sua característica mais específica. Enquanto somente se falar de corpo e mente, é evidente que não se pode estar falando da totalidade.

Viktor Frankl explica a totalidade humana da seguinte forma:

“Quanto à estrutura ontológica do ser humano, demos preferência a uma conformação estratificada (em camadas) ao invés de escalonada (em escadas), substituindo o escalonamento como que vertical (inconsciente-pré-consciente-consciente) por um modelo de estratos concêntricos. Agora podemos fazer algo mais. Podemos combinar a

²⁷ Viktor Frankl, A presença ignorada de Deus, obj. cit. pág 20.

²⁸ Atualizando para uma doutrina Paulina, com base na sua influencia grega, podemos assim dizer que o ser humano totalizado em corpo-alma-espírito.

imagem estratificada com a escalonada, de maneira que a imagem estratificada constitua a projeção num plano, formando o plano básico para uma construção tridimensional. A seguir, precisamos simplesmente imaginar que o núcleo pessoal, aquele centro espírito-existencial, ao redor do qual estão agrupados o psíquico e o físico em estratos periféricos, seja dotado de um prolongamento. Assim ao invés de um núcleo pessoal, teremos um eixo pessoal, o qual, junto com os estratos psicofísicos circundantes, atravessa o consciente, o pré-consciente e o inconsciente. A partir desta concepção, surge uma imagem relativamente útil e adequada da verdadeira realidade, a saber, que, tanto dentro do eixo pessoal, quanto nos estratos psicofísicos, qualquer manifestação, seja ela espiritual, psíquica ou física, pode ocorrer em qualquer um dos níveis: consciente, pré-consciente ou inconsciente.”²⁹

Com relação à terapêutica psicanalítica, foi utilizado o termo “psicologia profunda”, este conceito precisa agora ser retificado. Até o presente, a psicologia profunda seguiu o homem até as profundezas inconscientes se seus instintos, mas investigou muito pouco as profundezas do seu espírito, a pessoa humana na sua profundidade inconsciente. A pessoa propriamente dita, como centro da existência espiritual, foi negligenciada pela psicologia profunda. Assim, a expressão “pessoa profunda”, na sua concepção normal, não se refere ao espiritual-existencial, ao ser humano propriamente dito, mas, por definição, a algo realmente vegetativo, ou, no melhor dos casos, a algo “animalesco” no homem, algo que faz parte dele.³⁰

Porém, a verdadeira “pessoa profunda” ou seja, o espírito-existencial em sua dimensão profunda, é sempre inconsciente. Isto significa que a “pessoa profunda” não é apenas facultativamente, mas obrigatoriamente, inconsciente. Isto decorre do fato de a execução espiritual dos atos e, conseqüentemente, a entidade pessoal como centro espiritual de tais atos e, conseqüentemente, a entidade pessoal como centro espiritual de tais atos, constituir uma pura “realidade de execução”. A pessoa fica tão absorvida ao executar seus atos

²⁹ Viktor Frankl, A presença ignorada de Deus, pág 21.

³⁰ Idem.

espirituais que ela não é passível de reflexão na sua verdadeira essência ou seja, de maneira alguma poderia aparecer na reflexão. Neste sentido, a existência espiritual, ou seja, o próprio eu, o eu “em si mesmo”, é irreflexível e, assim, somente executável, “existente” somente como “realidade de execução”. A existência propriamente dita é, portanto, irreflexível, por não ser passível de reflexão e assim, também não analisável. Com efeito, quando se utiliza a expressão análise existencial, não querendo dizer análise da existência, mas, conforme já foi definido, “análise dirigida a existência”. Portanto, a existência propriamente dita, como a responsabilidade são fenômenos primários, próprios do ser humano como “elementos existenciais”, como os dois atributos básicos que pertencem ao ser existencial, como algo que nele sempre esteve contido.

Resumindo, podemos dizer que a pessoa profunda, a saber, a pessoa profunda espiritual, aquela e somente aquela que merece ser chamada assim, no verdadeiro sentido da palavra, é irreflexível por não ser passível de reflexão e, neste sentido, pode ser chamada também de inconsciente. Desta forma, enquanto a pessoa espiritual pode, basicamente, ser tanto consciente quanto inconsciente, podemos dizer que a pessoa profunda espiritual é obrigatoriamente inconsciente, não apenas facultativamente. Em outras palavras, na sua profundidade, “no fundo”, o espiritual é necessário, por ser essencialmente inconsciente.³¹

Para ilustrar através de um modelo o que acabamos de dizer, poderíamos usar o funcionamento do olho. Da mesma forma que no local de origem da retina, ou seja, no ponto de entrada do nervo ótico, a retina tem seu “ponto cego”, assim também o espírito, precisamente na sua origem, é cego a toda auto-observação e auto-reflexão, quando é totalmente primordial, completamente “ele mesmo”, é inconsciente de si mesmo. Como

³¹ Viktor Frankl, A presença ignorada de Deus, pág 24.

disse Paulo: “O que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do não homem não percebe”.³²

2. Religiosidade Inconsciente

Existe algo no homem, dentro da sua espiritualidade inconsciente, como uma religiosidade inconsciente no sentido de um relacionamento inconsciente com Deus. Enquanto que a descoberta da espiritualidade inconsciente surgiu o “eu” (espiritual) por detrás do “id” (inconsciente), com a descoberta da religiosidade inconsciente apareceu o “tu” transcendente por detrás do “eu” imanente. Assim, se inicialmente o eu se revelou como “também inconsciente”, ou o inconsciente como sendo “também espiritual”, agora este inconsciente mostrou ser “também transcendente” que significaria então que sempre houve em nós uma tendência inconsciente em direção a Deus, que sempre tivemos uma ligação intencional, embora inconsciente, com Deus. E é justamente este Deus que a logoterapia ira denominar Deus inconsciente ³³.

Nossa relação com o Deus inconsciente não significa que Deus em si mesmo ou por si mesmo seja inconsciente. Ao contrario, indica que Deus pode estar inconsciente para nós e nossa relação com Ele pode ser inconsciente, ou reprimida ou oculta para nós mesmos. Assim, nossa formulação de um “Deus inconsciente” significaria então a relação oculta do homem com Deus igualmente oculto.

Esta formulação, porém, deve precaver-se contra três possíveis interpretações errôneas. A primeira que ela não poderia ser entendida num sentido panteístico. O fato de sempre termos tido uma relação inconsciente com Deus não significa absolutamente que Deus esteja

³² Bíblia de Jerusalém, 1 Coríntios 2:9. São Paulo, editora Paulus, 1992.

³³ Viktor Frankl, A presença ignorada de Deus, pág 48.

“dentro de nós”, que “habite” inconscientemente em nós, que preencha nosso inconsciente. Desta forma não nos tornamos “deuses” e nem somos dominados pelo “Deus inconsciente”. Estas não passariam de teses de uma teologia medíocre.

Outro engano seria interpretar erroneamente a tese de um “Deus inconsciente” num sentido ocultista. Seria atribuir a um “saber inconsciente” um caráter onisciente. Não podemos de maneira nenhuma atribuir ao inconsciente um tributo divino, seria construir uma metafísica imediatista.

O terceiro erro mais importante possível: não podemos nunca afirmar com firmeza suficiente que o inconsciente não somente não é divino, nem onisciente, mas acima de tudo, ao construir uma relação inconsciente com Deus, não é “id-ificado”³⁴. Para Viktor Frankl este foi o grande erro de C. G. Jung, segundo ele, Jung cometeu um erro fundamental de ter desviado a religiosidade inconsciente para a região do id; deu ao “Deus inconsciente” uma localização falsa. A seguir, estão destacadas as palavras do autor em uma nota explicatória:

“Jung deslocou a religiosidade inconsciente para o id, atribuiu-a ao id. No sentido que Jung lhe deu, o eu não era responsável pelo elemento religioso, este não era da competência do eu, o religioso não pertencia à responsabilidade e decisão do eu.

De acordo com Jung, há “algo” em mim, um “id” que é religioso, mas não é o que “eu” seja religioso; o “id” me impulsiona em direção a Deus; neste caso, porém, não sou eu quem decide por Deus.

De acordo com Jung, com efeito, a religiosidade inconsciente esta ligada a arquétipos religiosos, a elementos do inconsciente arcaico ou coletivo. Na realidade, a religiosidade inconsciente de Jung muito pouco tem a ver com uma decisão pessoal do homem, representa muito mais um evento coletivo, “típico”, justamente arquétipo, “no” homem. Nós, porem acreditamos que a religiosidade nunca poderia se originar num inconsciente coletivo, justamente porque pertence as decisões pessoais e próprias do eu, decisões estas que podem, de fato, ser inconscientes, mas nem por isso precisam fazer parte da esfera dos impulsos do id.

³⁴ Analogia que Viktor Frankl faz ao id da psiquiatria freudiana.

Para Jung e sua escola, no entanto, a religiosidade é algo essencialmente instintivo. H Banziger, chega a declarar sem rodeios. "Podemos falar de um impulso religioso como falamos de um impulso sexual ou agressivo." Nós, porém, perguntamos: Que religião seria esta, que sou impelido tal como para o sexo? Não daríamos um centavo para uma religiosidade que devemos a um "impulso religioso". A verdadeira religiosidade não tem caráter de impulso, mas, antes, de decisão. A religiosidade se mantém pelo seu caráter de decisão, e deixa de sê-la quando predomina o caráter de impulso. A religiosidade ou é existencial, ou não é nada."³⁵

Assim, da mesma forma que para Freud, para Jung o inconsciente, e assim também, o inconsciente "religioso", continua sendo algo que determina a pessoa. Mas na logoterapia no entanto, a religiosidade inconsciente e, de modo geral todo o inconsciente espiritual, constituem um ser inconsciente que decide, e não um ser impelido a partir do inconsciente. Não são um inconsciente determinante, mas existente.

Numa comparação psicofísica a existência espiritual (inconsciente) não pertence a uma facticidade psicofísica. E Viktor Frankl irá novamente comparar a logoterapia com as teorias de Jung:

"Jung, no entanto, entende "por arquétipos uma qualidade ou condição estrutural própria da psique que, por sua vez, esta ligada de alguma forma ao cérebro"³⁶. Com isso, a religiosidade, sem dúvida, se transforma numa questão do psicofísico humano, quando na realidade, seria uma questão do portador deste psicofísico, ou seja, da pessoa espiritual. Para Jung, os arquétipos religiosos são meramente imagens impessoais de um inconsciente coletivo, que são simplesmente encontradas, praticamente prontas, no inconsciente individual – justamente como fatos psicológicos, como partes da facticidade psicofísica; e a partir daí, invadem arbitrariamente, quando não forçosamente, nossa pessoa, como se estivessem passando por cima dela. Nós, porém, achamos que a religiosidade inconsciente provém do centro do homem, da própria pessoa (e, neste sentido, verdadeiramente "ex-siste"), a não ser que permaneça latente

³⁵ Viktor Frankl, A presença ignorada de Deus, pág 50.

³⁶ C. G. Jung, Psicologia e Religião. Petrópolis, editora Vozes, 1992.

na profundidade da pessoa justamente no inconsciente espiritual, como religiosidade reprimida.”³⁷

Desta forma a logoterapia, não nega absolutamente que o homem já encontre algo para onde canalizar sua religiosidade, algo de fato preexistente do qual se apodera de maneira existencial. Porém, aquilo que o homem encontra pronto, aquelas imagens primitivas, não são quaisquer arquétipos, mas orações dos pais, os ritos das igrejas, as revelações dos profetas - e os exemplos dos santos.

Podemos afirmar também que a religiosidade inconsciente, neste sentido, daquilo que é verdadeiro para tudo que é inconsciente, a saber, que ela pode ser patogênica, “inquietação do coração”³⁸. E também a religiosidade inconsciente pode, assim, ser uma religiosidade “desventuradamente reprimida”³⁹.

Se Freud disse: “A religião é a neurose obsessiva comum ao gênero humano; da mesma forma que a neurose obsessiva da criança, ela se origina no complexo de Édipo, no relacionamento com o pai”⁴⁰, a logoterapia diante do caso que se acabara de descrever, estamos quase que inclinados a inverter a afirmação, ousando dizer que a neurose obsessiva é que seria a religiosidade psicologicamente doente.

Quando a fé atrofia, parece que ela se distorce, desfigura. Com efeito, não se constata também no âmbito cultural, isto é, não somente uma escala individual, mas também social, que a fé reprimida degenera em superstição? E isto parece acontecer onde quer que o sentimento religioso se torne vítima de uma repreensão por parte da razão despótica, de uma inteligência técnica⁴¹. Neste sentido há muitas coisas na situação cultural dos tempos de hoje que nos parecem como uma “neurose obsessiva comum ao gênero humano”, citando as palavras de Freud, com exceção justamente de um aspecto: religião.

Assim, utilizando as palavras de Viktor Frankl, “podemos dizer, porém, quanto à neurose obsessiva individual, não-coletiva e, por extensão, quanto a toda neurose, que em

³⁷ Viktor Frankl, A presença ignorada de Deus, pág 50.

³⁸ Exemplo de uma neurose cardíaca, tirado do livro de Viktor Frankl, Logoterapia e Existencialismo.

³⁹ Declaração de um paciente de Viktor Frankl quando ele diz: “Eu sou a comprovação médica de que não se pode viver sem Deus.”

⁴⁰ Die Zukunft einer Illusion

⁴¹ Retirado de Goethe que disse: “Quem possui arte e ciência, também tem religião”, assim Viktor Frankl afirma que: “se sabemos hoje muito bem aonde a humanidade iria parar se tivesse, por exemplo, ciência e nada mais, para a humanidade restariam, então, de toda sua “ciência pura”, somente as bombas atômicas.”

não poucos casos a deficiência da transcendência vinga-se através de uma existência neurótica.”⁴² .

3. Psicoterapia e religião

Agora iremos tratar da relação do médico com seu paciente quando este aborda questões religiosas ou justifica seu estado através da sua religiosidade. Mas, o que mais surpreende é a postura do médico mediante estas questões que na maioria das vezes o deixa encabulado ou simplesmente este ignora o paciente, não se interessando em responder as questões relacionadas à religião ou crença do seu paciente. A partir desta análise, veremos como a logoterapia tenta aproximar esta relação que provoca atritos desnecessários numa relação médico paciente.

Geralmente o médico está interessado em questões religiosas na sua qualidade de médico, ou seja, profissionalmente. Mas, quando vem à tona tais questões da cosmovisão, o médico como tal, tem a obrigação de demonstrar tolerância incondicional. Quando o médico tem uma religião pessoal, a obrigação de tolerância também vale para ele próprio. Não podemos absolutamente afirmar que ele tenha desinteresse pela religiosidade ou irreligiosidade de seus pacientes, talvez não como médico, mas como pessoa, como pessoa na condição de ter uma religião, está altamente interessado nestes assuntos. Não esqueçamos, porém, que seu interesse não é apenas na religiosidade do outro, mas pela espontaneidade desta religiosidade. Em outras palavras ele deve ter o máximo de interesse para que esta religiosidade possa se manifestar espontaneamente, devendo aguardar com paciência que esta manifestação ocorra. Isto para ele não deveria ser difícil, uma vez que, justamente por ser ele próprio uma pessoa que professa uma religião, estará convicto de antemão da

⁴² Viktor Frankl , A presença ignorada de Deus, pág 53.

religiosidade latente também das pessoas manifestamente irreligiosas. O médico que tem fé não acredita somente no seu Deus, mas também na fé inconsciente do paciente; assim, não crê apenas conscientemente no seu próprio Deus, mas ao mesmo tempo crê nele como “Deus inconsciente” em seu enfermo, crê neste “Deus inconsciente” como num Deus que “ainda não” se tornou consciente para seu paciente ⁴³.

A religiosidade só é genuína quando existencial, quando a pessoa não é impelida para ela, mas decidida por ela. A religiosidade verdadeira, para que seja existencial, deve ser dado o tempo necessário para que possa brotar espontaneamente. Nunca podemos apressar a pessoa neste cominho. “Para a religiosidade o homem não se deixa impelir pelo id, nem apressar pelo médico.” ⁴⁴

“Nos complexos reprimidos somente uma conscientização espontânea pode levar a cura, assim também somente a manifestação espontânea da religiosidade inconsciente poderá ter efeito curativo” ⁴⁵. Assim, toda manipulação programada seria contraproducente neste caso, qualquer intencionalidade, que seja mais, quer seja menos consciente, barraria o efeito. Até os sacerdotes, a minoria deles, têm consciência destes efeitos, e nem eles estão dispostos a renunciar a espontaneidade de toda a religiosidade verdadeira.

O grande problema são aqueles que não respeitam esta espontaneidade e forçam uma escolha religiosa na tentativa de “converter” os pacientes, utilizando artifícios amedrontadores. Quem dera que todos seguissem o exemplo de um padre que fora chamado por um homem irreligioso que simplesmente sentira a vontade de desabafar antes de morrer. Então o padre não ofereceu a unção dos enfermos, simplesmente porque o moribundo não havia solicitado espontaneamente. Tal era o valor que o padre atribuía a espontaneidade.

⁴³ Viktor Frankl, A presença ignorada de Deus, pág 55.

⁴⁴ Idem.

⁴⁵ Idem.

Será que os médicos deveriam ser mais sacerdotais que os próprios sacerdotes? Não deveriam pelo menos, na mesma medida que os sacerdotes, respeitar a livre decisão das pessoas confiadas a eles, dos doentes que se colocam sob seus cuidados, especialmente em suas questões religiosas? Assim, da mesma forma que o médico irreligioso deve deixar ao paciente o que ele tem, isto é, sua fé, o médico que tem religião deve deixar ao sacerdote o que é dele, isto é, seu ministério.

Mas, quanto as psicoterapeutas e médicos que querem usurpar as atribuições dos sacerdotes, podemos dizer que eles querem “ser como os sacerdotes, mostrando o bem e o mal.”⁴⁶

A logoterapia, como já foi afirmado, não pode e não quer substituir a psicoterapia, quer apenas complementá-la. A “assistência médica da alma”, de forma nenhuma quer substituir a “assistência pastoral da alma”.

Para a logoterapia, a religião nunca terá um efeito curativo nas questões psíquicas do ser humano. O objetivo da religião será de zelar pela salvação da alma e não a cura. Viktor Frankl argumenta sobre este assunto da seguinte forma:

“Para que a religião possa ter efeitos psicoterapêuticos, seu motivo primário não pode ser absolutamente psicoterapêuticos. E, mesmo, quando, como efeito secundário, a religião teve influencia favorável sobre aspectos tais como a saúde e equilíbrio psíquicos, seu objetivo não é a cura psíquica, mas a salvação da alma. A religião não é um seguro para uma vida tranqüila, para a ausência máxima de conflitos ou para quaisquer outros objetivos psico-higiênicos. A religião não dá ao homem mais do que a psicoterapia, mas também dele exige mais. Deve ser evitada com todo rigor qualquer contaminação entre estes dois campos, que podem até coincidir quanto a seus efeitos, mas são diferentes quanto a sua intencionalidade.”⁴⁷

⁴⁶ Viktor Frankl, A presença ignorada de Deus, pág 57.

⁴⁷ Idem.

Assim, a psicoterapia não deve incorporar a “assistência médica da alma” a “assistência pastoral da alma”, e assim renunciar sua autonomia como ciência independente frente à religião. E não assumindo uma posição de “serva da teologia”. Pois se a psicoterapia se reduzia a “serva da teologia”, que quer dizer, reduzi-la a condição de criada, rouba-lhe, juntamente com a liberdade de investigação, não só a dignidade de uma ciência independente, mas também lhe subtrai seu valor útil que poderia ter para a religião. A psicoterapia só pode servir a religião, ou pelos resultados empíricos de sua investigação, ou pelos efeitos de seus tratamentos psicoterapêuticos, se ela não se mover num caminho já preestabelecido, se não se fixar em metas predeterminadas. No campo científico somente os resultados imparciais de uma investigação independente serão úteis à teologia.

Resumindo então nossa discussão, quanto menos a psicoterapia se disponha a servir a teologia como uma criada, tanto maiores serão os serviços que poderá prestar a ela. Não é preciso ser “criada” para poder servir.

4. Logoterapia e Teologia

A religião é um fenômeno humano entre outros que a logoterapia se depara. Em princípio a existência religiosa e irreligiosidade são para a logoterapia fenômenos coexistentes, e ela tem a obrigação de assumir uma posição neutra perante eles. Em outras palavras, para a logoterapia a religião só pode ser objeto, não posição.

A posição da logoterapia perante a teologia esta esboçada pelos seguintes termos:

“O alvo da psicoterapia é a cura da alma, ao passo que o alvo da religião, por seu turno, é a salvação da alma. A grande diferença entre essas duas orientações já se mostra no fato de que o sacerdote, dadas as circunstâncias, lutará pela salvação da alma do seu fiel;

ele o fará conscientemente, mesmo que o fiel caia, por isso, em tensões emocionais ainda mais fortes; o sacerdote não poderá poupá-lo disto, acontece que primaria e originalmente o sacerdote não tem qualquer preocupação psico-higiênica; a religião é mais que um simples meio de profilaxia psicossomática antiulceras, como observou jocosamente um padre jesuíta dos Estados Unidos. Não obstante, por menos que a religião se preocupe em suas intenções primarias com a cura psíquica ou com medidas profiláticas, em seus resultados – não em sua intenção – ela não deia de ter efeitos psico-higiênicos e até psicoterapêuticos, uma vez que propicia a pessoa uma sensação de incomparável proteção e ancoramento que não pode ser encontrada alhures a não ser na transcendência, no Absoluto. Semelhante efeito colateral análogo e involuntário também podemos observar na psicoterapia, uma vez que, em alguns casos, o paciente reencontra ao longo da psicoterapia fontes, há muito soterradas, d uma fé original, inconsciente e reprimida.”⁴⁸

Desta forma, os alvos da religião e da psicoterapia não se encontram num mesmo nível ontológico. Uma pessoa religiosa alcança uma dimensão mais elevada, mais abrangente que a dimensão na qual se desenvolve algo como a psicoterapia. E acordo com a logoterapia, o acesso à dimensão mais levada, entretanto, não sucede pelo conhecimento, mas na fé.

A relação da dimensão humana com a dimensão divina pode ser entendida através da relação humana com o meio animal. Por exemplo, o animal somente dispõe de um habitat, de um meio específico, um peixe dentro de um aquário tem a compreensão de “mundo”, apenas no meio que ele vive, o aquário, ao passo que o ser humano “tem mundo”; o mundo está para um supramundo como o meio ambientado animal para o mundo humano. Isso quer dizer: assim como o animal não tem condições de entender o ser humano e seu mundo a partir do seu próprio habitat, também o ser humano não tem condições de aprender o supramundo, a ponto de entender a Deus ou mesmo entender os seus desígnios.

A psicoterapia, portanto, precisa movimentar-se no aquém da fé da revelação, pois o fato de alguém reconhecer a revelação como sendo revelação, em si já pressupõe sempre

⁴⁸ Viktor Frankl, A presença ignorada de Deus, pág 59.

uma decisão de fé. Portanto não tem cabimento algum se reportar a uma revelação frente a um descrente, pois se ela representasse revelação para ele, ele mesmo já seria crente.

Mesmo que para a logoterapia a religião seja um mero objeto, ela se interessa muito por ela, pela seguinte razão apontada por Viktor Frankl: “No contexto da logoterapia *logos* significa “sentido”. Na realidade, a existência humana sempre já vai além de si mesma, já está sempre indicando um sentido. Neste sentido o que importa a existência humana não é prazer ou poder, nem tampouco autorealização, mas antes o cumprimento de sentido, Na logoterapia falamos de uma vontade de sentido.”⁴⁹

O ser do homem sempre já é ser em função de um sentido, mesmo que não o conheça. Há algo como um conhecimento prévio a respeito de sentido, e uma noção de sentido também esta na base da vontade de sentido. Quer queira, que não, se admite ou não – o ser humano crê num sentido enquanto respira. Mesmo um suicida crê num sentido, se não da vida, do continuar vivendo, então ao menos ele crê no sentido do morrer. Se ele realmente não cresse mais em sentido algum, a rigor não mais conseguiria mexer se que num dedo, nem mesmo cometer suicídio. Existem diversos relatos de pessoas que estavam prestes a suicidar e encontraram um sentido no ultimo estante. Como também citando um exemplo de Viktor Frankl, que relata ter visto morrer ateus convictos, mas no leito de sua morte mostraram algo que durante décadas de suas vidas jamais tiveram condições de mostrar: uma sensação de se sentiram guardados.

Quando a psicoterapia entende o fenômeno que é o crer não como uma fé em Deus, mas como a fé mais abrangente num sentido, então é perfeitamente legítimo que ela se ocupe com o fenômeno da fé. Para completar, Viktor Frankl cita uma afirmação análoga de Paul Tillich: “Ser religioso significa fazer a pergunta apaixonada pelo sentido da nossa

⁴⁹ Viktor Frankl, A presença ignorada de Deus, pág 61.

existência.”⁵⁰. Em todos os casos, pode se dizer que a logoterapia pode ocupar-se legitimamente não só com a vontade de sentido, mas também com a vontade de um sentido último, de um supra-sentido, que é em última análise a fé religiosa, é uma fé no supra-sentido, uma confiança no supra sentido.⁵¹

Não existem dúvidas que nossa concepção de religião tem muito pouco a ver com o que confessamos e suas conseqüências, desta forma, a miopia religiosa que parece ver Deus um ser que basicamente só pretende que o maior número possível de pessoas creia nele do jeito prescrito por uma determinada denominação. Tal concepção parece ser tão mesquinha diante da imensidão de Deus que Viktor Frankl faz o seguinte comentário:

“Simplesmente não consigo imaginar que Deus seja tão mesquinho. Igualmente acho inconcebível uma igreja exigir de mim que eu creia. Afinal não posso querer crer – assim como também não posso querer amar, isto é, forçar-me a amar, da mesma maneira como também não me posso forçar a ter esperança, quando evidencia ao contrário. Afinal existem certas coisas que não se podem querer e que, portanto, também não se conseguem querendo ou ordenando. Para dar um exemplo muito simples: não posso rir sob comando. Se alguém quer que eu ria, terá que fazer um pequeno esforço e me contar uma piada.”⁵²

O amor e a fé são muito parecidos: não podem ser manipulados. Eles somente surgem como fenômenos intencionais quando se deparam com conteúdo e objetivo adequados. Não podem provocá-los, eles simplesmente aparecem do interior de uma pessoa.

Contudo, termino este capítulo citando a resposta de Viktor Frankl, a um repórter da revista americana Time, quando foi perguntado se a tendência atual era de se afastar da religião?

⁵⁰ P. Tillich, Die verlorene Dimension in Religion. “Crer em Deus significa que a vida tem um sentido”.

⁵¹ Viktor Frankl, A presença ignorada de Deus, pág 62.

⁵² Idem.

“Disse-lhe que a tendência atual era afastar-se não da religião, mas daquelas denominações que parecem não ter outra coisa que fazer senão combater-se mutuamente e fazer proselitismo uma na outra. E quando ele me perguntou se o mundo estaria caminhando para uma religião universal, eu neguei. Ao contraio, não estamos caminhando em direção a uma religiosidade universal, mas antes para uma religiosidade pessoal, profundamente personalizada, uma religiosidade a partir da qual cada um encontrará sua linguagem muitíssimo pessoal, sua linguagem própria, mais originalmente sua, ao voltar-se para Deus.”⁵³

O grande problema que existe entre a logoterapia e a teologia, é quanto à maneira de se encontrar a Deus. De acordo com a logoterapia, todas as religiões contribuem de alguma forma para se encontrar a Deus, para ela, o mais importante é a pessoa ter um sentido voltado para Deus, ou ter encontrado seu sentido em Deus.

⁵³ Viktor Frankl, A presença ignorada de Deus, pág 63.

III – Logoterapia na pratica

1. Perspectivas da Logoterapia Clinica

Afinal, como colocar em pratica a logoterapia? De que maneira a busca por um sentido poderia ajudar o homem em sua vida cotidiana? Estas são perguntas que freqüentemente as pessoas fazem quando abordamos os conceitos básicos da logoterapia.

Não queremos dizer também, que a logoterapia é um método de cura total, e a solução para todos os problemas da humanidade. Pelo contrario, ela representa uma formula onde x significa a singularidade e personalidade do paciente e y, a personalidade e a singularidade do terapeuta.⁵⁴ Em outras palavras, nem todo método pode ser usado em qualquer caso com as mesmas expectativas de sucesso, nem todo terapeuta pode utilizar qualquer método com a mesma eficiência. O que vale para as outras formas de psicoterapia, também se aplica na logoterapia. “A logoterapia não compete com outras terapias, mas por causa de suas vantagens ela pode muito bem construir um desafio para as outras terapias.”⁵⁵

⁵⁴ Desta forma, a formula seria $x + y = \text{logos}$

⁵⁵ Paul E. Johnson, O desafio para a logoterapia, Jornal da religião e saúde 7. Nova York, 1968, pg 122.

De fato, a logoterapia se diferencia em muito da psicanálise em geral. Como exemplo, poderia citar as duas abordagens que ambas fazem com relação às neuroses. A psicanálise, vê as neuroses como resultado de processos psicodinâmicos e procura, por conseguinte, tratá-la introduzindo novos processos psicodinâmicos como a transferência. Já a logoterapia em contra partida, entra na dimensão humana e dessa forma capacita-se a incluir em seu instrumental os fenômenos especificamente humanos que ela encontra lá. São na verdade nada mais nada menos que as duas características antropológicas fundamentais da existência humana que lá se encontram: sua “autotranscendência”, refere-se ao fato que a existência do homem sempre se refere a alguma coisa que não ela mesma, em primeiro lugar e em segundo, o autodistanciamento, capacidade que igualmente caracteriza a existência humana como tal.⁵⁶

A autotranscendência, nos ajuda a compreender a neurose de massa dos dias atuais. Hoje, o homem numa forma geral, não vive somente frustrado sexualmente ou profissionalmente, mas existencialmente. A questão não é entender o seu complexo de inferioridade, mas entender a sua falta de sentido. E a falta de um sentido para sua vida, é acompanhada por um sentimento de vazio, por um vazio existencial.

Se perguntássemos o que poderia ter causado e produzido o vazio existencial, poderíamos citar o rompimento excessivo das tradições ou princípios. O homem de hoje, ao contrário das épocas anteriores, não conta com as tradições para lhe dizerem o que fazer. A sociedade atual, estimula o rompimento excessivo das tradições - avanços tecnológicos, desenvolvimento precoce, estímulo a vaidade e ao próprio viver - porém ela não percebe as conseqüências desta nova maneira de viver, onde as pessoas ficarão sem saber nem o que tem de fazer, nem o que deve fazer, e também ela já não sabe ao certo o que realmente quer.

⁵⁶ Viktor Frankl, A psicoterapia na prática. Campinas, editora Papirus, 1991, pág 18.

Desta forma, esta pessoa só irá querer aquilo que os outros fazem, isso é o conformismo. Ou então, ao contrário, só irá fazer aquilo que os outros querem dela, o totalitarismo. Além disso, a principal conseqüência do vazio existencial será a neurose noogenica, que pode ser etiologicamente reduzido ao sentimento de falta de sentido, á duvida sobre um sentido da vida ou ao desespero de que talvez nem exista um tal sentido. Consideramos assim que a sociedade atual gratifica e satisfaz virtualmente qualquer necessidade, com exceção de uma só, da necessidade de um sentido para a vida.

Existem também formas disfarçadas da frustração existencial. Podemos citar os casos de suicídio e a “tríade de massa”: a depressão, tóxicodependência e a agressão, justificando o aumento tão comum e a crescente da criminalidade dos jovens.

A respeito do suicídio, foram analisados pela Universidade Estadual de Idaho, EUA, 60 estudantes que haviam tentado o suicídio e em 85% deles verificou-se que para eles a vida não tinha mais sentido. Foi então verificado que 93% desses estudantes não tinham nenhum distúrbio físico, familiar, escolar e estavam perfeitamente engajados na sociedade.

57

Agora quanto à dependência de drogas, William J. Chalstrom, diretor do centro Naval de Reabilitação de Drogados, EUA, afirma sem duvidas: “mais de 60% de nossos pacientes reclamam que suas vidas não tem sentido”.⁵⁸ Colocando em duvida as estáticas que relatam ser a maior causa para um jovem ser usuário de drogas, ter uma fraca imagem paterna durante a sua infância e adolescência. Talvez a maior causa dos jovens, principalmente estudantes, serem atraídos para o mundo das drogas, seja o desejo de encontrar um significado para a sua vida. Fato este, que pode ser comprovado quando se utiliza um tratamento fundado na logoterapia, considerando-se a frustração existencial, para tratar

⁵⁷ Viktor Frankl, A psicoterapia na pratica, pág 20.

⁵⁸ Idem.

jovens dependentes de drogas. De acordo com pesquisas realizadas no Estados Unidos, a média de jovens que após o tratamento se vêem definitivamente livres das drogas é de 11%. Alvin R. Fraiser adota procedimento logoterapêutico no Centro de Reabilitação em viciados em Narcóticos, dirigido por ele na Califórnia, obtém uma média de 40% de jovens, que são considerados clinicamente livres das drogas. Ou seja, os procedimentos logoterapêuticos contribuíram para que a média aumentasse 30%. Estas são as palavras de Fraiser sobre os resultados obtidos através dos princípios da logoterapia:

“Sou o único conselheiro na história da instituição a ter por três anos consecutivos uma altíssima taxa de sucesso (aqui sucesso significa que o toxicodependente não retornou ao instituto no espaço de um ano desde a sua alta). Por isso posso afirmar que a logoterapia nos deu uma outra visão para o tratamento de pessoas dependentes de drogas.”⁵⁹

Resultados análogos tem sido encontrados com relação ao alcoolismo. Annemarie Von Forstmercy em uma de suas teses demonstrou que 18 em 20 alcoólatras consideravam a própria existência como sem sentido e privada de objetivo. Conseqüentemente técnicas orientadas segundo os princípios da logoterapia demonstraram-se superiores as outras formas de tratamento.

Quanto à criminalidade, W. A. M Black e R. A. M Gregson, de uma universidade na Nova Zelândia, concluíram que criminalidade e sentido para a vida apresentam uma relação inversamente proporcional. Nas favelas do Rio de Janeiro, existem mais de cinco mil jovens engajados com o tráfico de drogas. Em uma estática feita pelo jornal O Globo, sobre quais os motivos que levam os jovens para o tráfico, dentre as citadas, esta a falta de perspectiva de vida. Ou seja, grande parte destes jovens, estão entrando para o tráfico por não

⁵⁹ Viktor Frankl, A psicoterapia na prática, pág 22.

encontrarem um sentido para as suas vidas e vêm no tráfico uma fuga para esquecer o seu vazio existencial. Em uma outra pesquisa, realizada pelo mesmo jornal, sobre os principais fatores que levam um jovem a largar a sua vida no tráfico, aponta para o retorno a vida religiosa, como um dos principais fatores. Parece que à religião exerce um grande papel de mudança na vida destes jovens, pois como já abordamos anteriormente, ela contribui para que estes jovens encontrem um sentido para suas vidas.

Depois de abordar as múltiplas e variadas formas de aparecimento e expressão do vazio existencial ou frustração existencial, fica em nossas mentes, por exemplo, a seguinte pergunta: Porque aqueles sessenta estudantes que foram analisados pela Universidade Estadual de Idaho, EUA, sem motivo psicofísico ou sócio econômico, tentaram o suicídio? Já vimos que a verdadeira razão, ou motivo, seria a falta do sentido para as suas vidas. Mas, o que poderia originar tal sentimento?

A logoterapia, responde estas perguntas quando ensina que o homem é no fundo cheio de uma “vontade de sentido”, ou seja, é simplesmente aquilo que é frustrado no homem sempre que ele é tomado pelo sentimento de falta de sentido e de vazio. Todo homem sempre procura um significado para a sua vida, ele esta sempre em busca de um sentido para o seu viver. Quem nunca se fez ou já foi questionado pela pergunta: o que viemos fazer neste mundo? Ou, porque Deus nos colocou neste mundo? Parece que a “vontade de sentido é um interesse primário do homem”⁶⁰. E é exatamente este desejo de sentido que permanece insatisfeito na sociedade atual e não encontra consideração alguma por parte da psicologia moderna. As teorias atuais sobre motivação vêem o ser humano como um ser que ou reage a estímulos, ou obedece aos próprios impulsos. Estas teorias não levam em consideração o fato que, na realidade, em vez de reagir ou obedecer, o homem responde, isto é, responde as

⁶⁰ Anthony J. Sutich e Miles A. Vich, *Relatos da Psicologia Humanística*, Nova York, 1969.

questões que a vida lhe coloca e por esta via realiza os significados que a vida lhe oferece.⁶¹

O desejo de sentido não é apenas uma questão de fé mas também uma realidade.

Em uma pesquisa, conduzida por S. Kratochvil e I. Planova do departamento do departamento de Psicologia de Psicologia da Universidade de Brno na Tchecoslováquia, forneceu a prova de que:

“O desejo de sentido é realmente uma necessidade específica não reduzível a outras necessidades e esta presente em medida maior ou menor em todos os seres humanos. A importância da frustração desta necessidade foi documentada também pelo material relativo a casos de pacientes afetados por neuroses ou depressões. Em alguns casos de frustração do desejo de sentido teve um papel relevante como fator etiológico no dar origem à neurose ou a tentativa de suicídio.”⁶²

Desta forma, o desejo de sentido manifestado no homem pode ser um indicio de uma boa saúde mental. E para citar Albert Einstein: “O homem que considera sua vida sem sentido, não é simplesmente um infeliz, mas alguém que dificilmente se adapta à vida”.

Com isso, em uma intervenção logoterapêutica, visa a uma dominação do sentimento de falta de sentido através da ativação de processos de descoberta de sentido. Na verdade não é de forma possível dar sentido, e menos ainda pode dá-lo o terapeuta – dar um sentido a vida do paciente ou entregar ao paciente esse sentido. Pelo contrario, o sentido precisa ser encontrado, e ele só pode ser encontrado pela própria pessoa. Esse processo é realizado pela sua própria consciência. É nesse sentido que a logoterapia chama a consciência de “órgão do sentido”. Não se pode portanto prescrever sentido, mas o que se pode fazer é descrever o que se passa no homem sempre que ele vai a procura do sentido.

⁶¹ Viktor Frankl, Um sentido para a vida, pág 24.

⁶² Internet. www.logoterapia.com.br

2. Compreendendo o Sofrer

“Nós seres humanos, somos prazeres e dores, sons e silêncio, ventos fortes e leves brisas, raios de sol e bravos trovões. A conjunção e é aqui proposital. Não somos uma coisa ou outra, somos uma coisa e outra, o tempo todo, sempre.”⁶³

Por que nós seres humano, nos superamos nos momentos mais difíceis? Que força é esta que se aflora quando nos deparamos com situações que mesmo transitórias, fazem que percebamos o sentido de nossas vidas?

Quando existe uma possibilidade de fazermos qualquer coisa com relação à situação na qual nós encontramos para modificar, se for necessária, uma realidade. Desde que a situação seja sempre única, por isso ela é transitória. Ela possui uma qualidade *Kairos*⁶⁴, isto é, se não aproveitarmos a oportunidade de dinamizar o sentido intrínseco e como que mergulhado na situação, o sentido passará e irá embora pra sempre.

Contudo, apenas as possibilidade – as oportunidades de fazer qualquer coisa com relação a situação real – são passageiras. Desde que tenhamos realizado a possibilidade oferecida pela situação, desde que tenhamos dinamizado o sentido que a situação tem si, nós teremos transformado aquela possibilidade em uma realidade e teremos agido assim de uma vez para sempre. A coisa não estará mais sujeita a transitoriedade. Nós, libertamos dentro do passado. Nada nem ninguém pode privar-nos ou furtar-nos aquilo que salvamos e asseguramos no passado. No passado coisa alguma é irremediavelmente e irreparavelmente perdida, mas cada coisa é guardada para sempre. Em geral, é verdade, as pessoas só envergam o campo de retalhos da transitoriedade, não vêem as tulhas cheias de grãos nas quais depositaram os frutos de suas vidas: a ações praticadas, as obras realizadas, os amores

⁶³ Edson Fernando e Jonas Rezende. *Dores que nos transformam – quando somos frágeis, então somos fortes*. Rio de Janeiro, editora Mauad, 2002, pág 61.

⁶⁴ *Kairos*, no grego bíblico é o tempo da graça e da bondade do Senhor.

amados, os sofrimentos corajosamente sofridos. Neste sentido podemos compreender o que o livro de Jô diz sobre o homem: que ele chega ao tumulto “como um feixe de trigo maduro colhido no tempo certo.”

Os sentidos, do mesmo modo como são únicos, são também mutáveis. Mas não nunca faltam. A vida nunca deixa de ter sentido. Certamente estamos habituados a descobrir um sentido no criar uma obra ou no completar uma ação no fazer experiência de algo ou no encontrar alguém. Mas não devemos jamais esquecer que podemos descobrir um sentido na vida mesmo quando nos deparamos com uma situação sem esperança, na qualidade de vítimas sem nenhuma ajuda, mesmo quando enfrentamos um destino que não pode ser mudado. O que realmente importa e conta mais, é dar testemunho do potencial, unicamente humano, que, em sua forma mais alva, deve transformar uma tragédia em um triunfo pessoal, deve mudar a situação difícil em que o indivíduo está em sucesso humano. Quando não temos mais condições de mudar uma situação, pensemos numa doença incurável como o câncer que não pode ser mais tratado, então somos estimulados a mudar a nós mesmos.

Assim, podemos compreender o sentido do sofrimento que só faz sentido quando quem sofre muda para melhor que antes, cresce além de si próprio. A riqueza absoluta do sentido da vida é devida à terceira possibilidade de descobrir um sentido – a primeira é criar um trabalho ou fazer uma ação e a segunda é experimentar algo ou encontrar alguém - isto é, a possibilidade de conferir um sentido mesmo ao sofrimento e a morte.

Vejamos agora alguns exemplos práticos de pessoas que encontraram um sentido para suas vidas em meio ao sofrimento. Primeiramente gostaria de citar uma carta escrita por um presidiário e enviada ao Dr. Viktor Frankl:

“Sim é verdade, um dos maiores sentidos, do qual podemos fazer a experiência, é exatamente a dor. Somente agora começo a viver e como é delicioso este sentimento.

Estou constantemente mortificado pelas lágrimas de meus companheiros de grupo quando eles podem compreender que finalmente agora estão tomando consciência dos sentidos que jamais imaginavam possíveis. As mudanças são miraculosas. Vidas, que antes eram desesperadas e sem ajuda, agora tem um sentido. Aqui na prisão de segurança máxima na florida, a cerca de 500 jardas da cadeira elétrica, nós estamos realizando nossos sonhos. Estamos quase no Natal, mas a logoterapia tem sido para mim uma manha de Páscoa. Do calvário de Auschwitz surgiu nossa manha pascal. Do arame e da câmara de gás de Auschwitz nasce o sol... Eis o que iria reserva-nos o amanhã.”⁶⁵

Muitos presidiários se identificam com o Dr. Viktor Frankl exatamente pela sua própria experiência e de sobrevivência em meio ao campo de concentração nazista. Talvez por ele ter sido um prisioneiro como eles, exista uma maior afinidade e identificação entre a logoterapia e a vida dos presidiários. Onde se originou a logoterapia é onde ela obtém a sua maior abertura.

Outra situação pela qual o ser humano encontra um sentido para sua vida através do sentido do sofrimento é pelo seu estado de enfermidade. Os hospitais estão cheios de pessoas a procura de uma resposta para a sua doença e o que encontram são palavras desesperançosas proferidas pelos médicos. A maior queixa de um paciente portador de uma doença crônica internado em um hospital, não é da sua dor como de costume, mas pelo tratamento inadequado que recebem da equipe hospitalares, médicos e enfermeiros. O que os pacientes querem é serem tratados como seres humanos, e não como “o paciente da doença tal.” Em uma própria experiência utilizei como parte do tratamento a logoterapia, enquanto estava cuidando de uma paciente internada na enfermaria de cardiologia no Hospital Geral de Bonsucesso.

Dona H. é uma senhora de 60 anos, separada há 10 anos, nascida no Rio de Janeiro e é aposentada. O seu casamento lhe rendeu três filhos, duas meninas e um menino. Uma de

⁶⁵ Viktor Frankl, Um sentido para a vida, pág 36.

suas filhas é casada e tem uma filha, os outros dois moram junto com ela. Há história da doença de dona H, começou em 2001 com fortes dores no peito. Desde então, procurou vários médicos e assim foi diagnosticado insuficiência coronariana. A partir deste diagnóstico, iniciou sua luta contra sua doença, se submetendo a uma cirurgia de revascularização destas artérias que estavam obstruídas. E como é de costume para a maioria dos pacientes que realizam esta cirurgia, mas conhecida como ponte de safena, após a cirurgia sentiu alívio imediato dos sintomas, mesmo após sofrer um trauma cirúrgico muito grande que é este tipo de cirurgia.

Infelizmente, a cirurgia foi apenas à primeira etapa, seis meses após voltou novamente a sentir novas dores no seu peito e depois de procurar novamente atendimento médico, desta vez foi algo ainda pior. Descobriram novamente que outras artérias estavam com seu fluxo reduzido e a possibilidade de uma nova cirurgia seria arriscado de mais. Foi então decidido colocar pequenas molas dentro de sua artéria, que aumentariam o fluxo sanguíneo entre elas.

Como na primeira vez, o dor novamente parou de ocorrer. Mas em janeiro de 2003 elas retornariam, mais ou menos um ano mais tarde. Novamente foram realizados novos exames para diagnosticar a causa desta dor e descobriu-se novamente obstrução das artérias que irrigam o coração, as artérias coronarianas.

Foi a partir deste último tratamento que me encontrei com dona H. Ela seria novamente internada no Hospital Geral de Bonsucesso, na enfermaria de cardiologia, local onde todos os dias pela manhã se tornaram uma rotina para este período que acabara de iniciar.

Meu primeiro contato com dona H, foi para uma conversa sobre sua história de vida. Pesquisar o motivo de sua internação, quais os sintomas que ela havia sentido para estar ali, deitada naquele leito de enfermaria, o que foi que ela sentiu em primeiro lugar, quando ela sentiu. Investiguei sua história de doença anteriores, seu nascimento, seu desenvolvimento quando passava da adolescência para a idade jovem, a história de sua família, sua casa, onde

ela morava, como era sua casa, como era o ambiente familiar de sua casa e outras coisas mais que os estudantes e qualquer médico deve fazer quando entra em contato pela primeira vez com um paciente.

Encontrava com dona H. todos os dias pela manhã e através desta convivência diária, um certo vínculo e uma intimidade foi se criando entre nós. Sempre procurei descontrair nossa conversa, não somente perguntava sobre seu estado de saúde geral e assim a examinava para garantir a realidade dos fatos, mas perguntava sempre sobre sua família, seus filhos, seu trabalho – pois a pesar de ser aposentada, continuava a trabalhar como vendedora para poder pagar suas despesas e ter uma vida melhor que a proporcionada apenas pela sua aposentadoria.

Sempre percebia dona H. muito alegre e sorridente, mas ao mesmo tempo em que ela tentava me passar esta aparência exterior, no fundo, dava para perceber seu grau de preocupação e desespero pelo seu estado atual. Foi então que após uma semana de conversa, dona H conseguiu se abrir comigo. No início ela tentava disfarçar, tentando me despistar do meu objetivo de fazer com que ela se abrisse. Contudo, devido ao seu estado de desespero, um belo dia quando cheguei pela manhã para um novo exame e uma nova conversa, Dona H. estava triste e abatida, disse que precisava me confessar algo que a deixava oprimida e depressiva.

Naquela manhã, descobri que todas os problemas daquela senhora estavam muito além dos problemas físicos que ela estava enfrentando. Seu coração não só estava debilitado fisicamente mas psicologicamente também. Em nossa conversa a questioneei sobre o sentido de todo o seu sofrimento, como não era de se espantar, ela ainda não percebera o sentido de sua doença. Foi a partir deste ponto que comecei a utilizar as técnicas da logoterapia, tentando fazer com a paciente encontre um sentido para a sua vida.

Foi então que a partir daquela manhã, dona H. era outra pessoa, parecia que existia um enorme peso que oprimia seu coração e que naquela conversa foi retirado. Fiquei impressionado com o poder curador que existe quando alguém encontra um sentido para a sua vida. E para minha surpresa, os resultados foram extremamente positivos, tanto do lado físico como psicológico. Uma semana depois ela foi submetida à cirurgia na qual tanta aguardava com prognóstico positivo e eficaz. Recebeu então alta do hospital três dias depois. Na nossa última conversa ela me disse que iria para a casa de sua irmã, que morava numa fazenda para descansar e viver uma vida feliz.

Nenhuma pessoa que tente amenizar a dor de alguém, seja o médico, o pastor ou familiares mais próximos, pode dizer que todo o sofrimento é em vão. Como também, nunca poderíamos dizer que sua vida anterior à enfermidade não serviu absolutamente para nada, e que somente depois de vencer a doença, ela poderia compreender o sentido para sua vida. Seria muito frustrante para qualquer ser humano, olhar para trás e perceber que de nada adiantou viver e que sua vida foi totalmente sem sentido. Este porém é o grande questionamento dos pacientes com morbidades incuráveis ou das pessoas mais idosas, quando percebem que a vida e a morte não andam tão distantes quanto parecem. A transitoriedade da vida, faz com que cada momento vivido nunca mais volte atrás e nos aproxima ainda mais para a morte. Mas, porventura não é exatamente esta transitoriedade que nos estimula a fazer o melhor uso possível de cada momento de nossas vidas? Daí surge o grande imperativo da logoterapia: “Viva como você estivesse vivendo pela segunda vez e como você estivesse agido tão erradamente na primeira vez, como esta por agir agora.”⁶⁶

A partir disso se pode ver que não há razão para ter pena das pessoas mais velhas. Em vez disso, as pessoas jovens deveriam invejá-las. É verdade que as pessoas mais velhas já não têm oportunidades no futuro. Mas eles têm mais do que isso. Em vez de possibilidades

⁶⁶ Frankl, Viktor, Em busca do sentido, 17ª ed, pág 127

no futuro, eles têm realidades no passado e nada nem ninguém jamais pode remover seu patrimônio no passado.

Quando se trata de pacientes com doenças incuráveis, como por exemplo a Aids. Gostaria de citar o exemplo do Betinho. Que após uma de suas inúmeras transfusões de sangue, que era obrigado a se submeter por ser portador de hemofilia, recebeu a notícia de ser HIV positivo. Para muitos isto poderia ser o fim, mas para ele, sociólogo e militante pelas causas humanísticas, foi um incentivo ainda maior para continuar sua luta em prol da cidadania. Foi então o criador e coordenador da “Ação pela Cidadania contra a Fome e a Miséria”, órgão que ajuda ainda hoje a alimentar milhares de famílias brasileiras em estado de fome e miséria.

A potencialidade do sentido faz com que as pessoas se superem ao perceberem que seu sofrimento tem um sentido na qual precisa ser descoberto. Sendo que frustração destes, é inversamente proporcional, levando a pessoas para uma piora do seu quadro clínico podendo apresentar uma depressão ou e até uma tentativa de suicídio. Um fato interessante ocorreu com uma psicoterapeuta, chamada K. Eisseler, quando aplicou um tratamento Freudiano a uma mulher que sofria de um câncer incurável. Em seu livro ela relata algo que observou da seguinte maneira:

“A paciente estava realmente disposta a suportar todas as dores, enquanto que isso de alguma maneira ainda tivesse sentido; mas por que eu haveria de querer condená-la a padecer sua dor? Por seguinte, eu repliquei que ela estava, eu meu ver, cometendo um erro grave, pois toda a sua vida era sem sentido e sempre fora assim, ainda antes da doença. Os filósofos sempre tentaram em vão encontrar o sentido para da vida, disse eu, e, portanto, a diferença entre sua vida passada e atual consistia tão-somente no fato de que na fase anterior ela ainda conseguia acreditar em um sentido da vida, enquanto que na fase atual ela já não estava em condições de fazê-lo. Na realidade, eu a adverti, ambas as fase de sua vida haviam sido completamente sem sentido. A paciente reagiu a

essa revelação, ficando perplexa, afirmando que não havia me compreendido bem. E começou a chorar.”⁶⁷

Eissler, além de não ter dado a paciente a crença de que até mesmo pode ter sentido, ainda lhe tirou a crença de que toda a vida poderia ter algum sentido. Quando uma pessoa esta enferma, todos os seus sentidos se afloram, toda a sua fragilidade que antes era reprimida, se escancara, assim, ela fica totalmente vulnerável aqueles que de uma forma, contribuem para acabar com seu sofrimento ou quando impossível, amenizá-lo.

3. A pratica da logoterapia no aconselhamento pastoral

A questão é, como a logoterapia pode ser aplicada em um aconselhamento pastoral? Mas o grande problema não é este, o grande problema é: porque ela ainda não foi usada ainda?

As questões ligadas à religião na vida de uma pessoa podem estar no seu inconsciente, contudo, quando alguém descobre o sentido da sua vida através dela, para ela, estas questões já não fazem parte apenas do seu inconsciente, mas *tomam a forma*, atravessam o subconsciente e se realizam no consciente.

O Deus antes ignorado, passa a ser na perspectiva do individuo, alguém presente, com características humanas, capaz de falar, dotado de sentimentos e sentidos, como a audição, visão, o tato e o olfato. Como o Salmista observou bem:

⁶⁷ K. R. Eissler, A psiquiatria e os pacientes terminais. Nova York editora International Universities, 1955, pg 190.

“Os ídolos são prata e ouro, obra das mãos de homem. Têm boca mas não falam, tem olhas mas não vêem, tem ouvidos mas não ouvem, tem nariz mas não cheiram, tem mãos mas não apalparam, tem pés mas não andam, nem som algum sai da sua boca.”⁶⁸

Um Deus que não é dotado de sentimentos, não pode dar um sentido para a vida de ninguém. A condição iminente para que o ser humano reconheça Deus como o sentido da vida, é o reconhecimento da sua existência. Tal reconhecimento pode vir antes, acompanhada de uma experiência, do próprio homem, que comprove a existência de Deus. Ou, pelo sentido do amor. O amor por si já prova a existência do outro, não se pode amar algo que não exista. O amor desperta toda a potencialidade do ser amado. Quando alguém se declara amado por Deus, isto faz com que toda a sua potencialidade seja descoberta. E todo o seu íntimo assim é revelado.

Em um aconselhamento pastoral, o pastor pode despertar toda a potencialidade da pessoa que o procurou, fazendo-a entender por exemplo, o sentido do amor. Afinal, quando a pessoa aconselhada reconhece o amor de Deus pela sua vida, poderá reconhecer o grau de sua potencialidade. Existe uma frase de um autor desconhecido que pode simbolizar o que foi descrito anteriormente. “Um Cristão que permite ser usado por Deus, tem o semelhante impacto que uma bomba atômica”.

A grande maioria dos membros das igrejas reconhece que o sentido de suas vidas esta em Deus.⁶⁹ Se o pastor fizer um aconselhamento baseado no despertar deste sentido - algo incomum na prática da logoterapia pois um logoterapeuta nunca deve provocar este despertar, este deve vir de maneira espontânea, respeitando o livre arbítrio do paciente - seria algo redundante. O pastor desta forma atuaria como um “reanimador” do sentido que já fora descoberto, mas que atualmente se encontra esquecido ou atuar como um

⁶⁸ Bíblia de referência Thompson. 12ª edição, São Paulo, editora Vida, 2000. Salmo 115: 5-7.

⁶⁹ Em uma pesquisa feita com meus colegas de seminário e membros da minha igreja. Todos reconheceram Deus como o sentido de suas vidas.

“redirecionador” do sentido que fora direcionado para fins que não se caracterizam com o seu principal sentido de vida. Como pode alguém tentar o suicídio se em um dado momento de sua vida afirmou ser Deus o sentido de sua vida? Talvez estas questões intriguem a maioria dos pastores que se deparam com este tipo de situação. Por isso, questionar se Deus, realmente seja o sentido da sua vida, seria algo válido no aconselhamento.

Certa vez perguntei ao um jovem cristão, toxicodependente, se ele pelo fato de se declarar cristão, tinha em Deus como o principal sentido para sua vida. Ele me respondeu que não tinha nenhuma dúvida disto. Então, novamente perguntei se as suas atitudes correspondiam a isto. Imediatamente ele abaixou a sua cabeça e disse: “Realmente, nisto eu tenho falhado.” E começou a chorar. Ao questionar sobre a prioridade do sentido, ele pode refletir sobre sua vida e se arrepender por causa disto. De fato, sua toxicodependencia não era provocada pela falta de um sentido, mas pelo abandono dele.

Existem muitos Cristãos abandonando sua fé. E o principal motivo de tal abandono é o descontentamento com a igreja. Já li vários livros e artigos dizendo que no mundo de hoje a igreja perdeu a sua identidade, mas a meu ver, a igreja perdeu o sentido pela qual ela foi criada, atravessando uma “crise existencial”. Não me espanta ver uma grande quantidade de pessoas decepcionadas com a igreja. O que ocorre na verdade é um conflito de sentidos. Quando uma pessoa se converte, ela espera ver na igreja, o mesmo sentido que a fez tomar esta decisão, e quando percebe que não é nada daquilo que ela imagina, se decepciona e entra em conflito. Tal conflito pode gerar no interior desta pessoa, uma “crise existencial”, que já é apresentada pela maioria dos que congregam nas igrejas de hoje. Aquilo que se prega como sentido, não esta em evidencia na maioria daqueles que o declaram.

Contudo, isto é só o inicio de como a logoterapia pode ajudar a estrutura da igreja e revolucionar a pratica pastoral. Muita coisa ainda precisa ser descoberta, mas isto, é motivo para um outro trabalho.

Conclusão

Na logoterapia existem diversas aplicações que podem ser úteis na vida da igreja e também na prática pastoral. Seus conceitos coincidem com muitas práticas já existentes na igreja. A Bíblia, esta repleta de sentido, e vendo a história de seus personagens, percebemos que, de certa forma, Deus sempre trabalha com um sentido. Não existe, nada, nem criatura, que não tenha um sentido. Imaginar que o ser humano foi criado para servir ao nada e assim, viver em função do nada, é ilógico e “ilogoterápico”.

Através dos conceitos abordados durante o desenvolvimento deste trabalho, como inconsciente espiritual e o a religiosidade inconsciente, vemos que a logoterapia veio desenvolver a construção de uma ponte entre a teologia e a psicanálise, unido desta forma a saúde e a religião. Considerados como opostos, pela maioria dos pensadores, psicólogos e teólogos. Mas, Viktor Frankl, os considerou como uma maneira de abordar o ser humano de uma forma mais humanística e integral.

A sua prática, assim como os seus conceitos, não diferem em nada da prática pastoral e religiosa. As questões abordadas sobre o suicídio, a toxicod dependência, violência, depressão, são praticadas também pela maioria das igrejas e instituições religiosas, que

possuem centros de recuperação para drogados, casas de reabilitação para meninos de rua mendigos, orfanatos. Instituições que aplicam conceitos logoterapicos, na medida que tentam transmitir em Deus, um sentido para a vida. Não me surpreende perceber que os melhores resultados obtidos na recuperação de toxicodependentes, existam em instituições ligadas a religião.

O ser espiritual ignorado pela psicanálise e abordado pela teologia esta presente na logoterapia. Na realidade o senso comum entre a psicoterapia e a teologia é a logoterapia. Durante séculos o ser espiritual e o ser racional lutaram entre si. Na santa inquisição, diversos cientistas e médicos foram queimados por contestarem as “verdades” e os dogmas da igreja. Talvez, este seja o ponto de partida e o inicio da construção do abismo entre a igreja e a ciência, entre a fé e a razão. Um confronto que só prejudicou aquele que contém estas duas verdades dentro de si, o ser humano. É inconcebível abordarmos o homem se uma forma separada, pois sua própria existência já ignora este fato. Não existe uma tricotomia, e da mesma maneira, não se pode cuidar do homem em níveis separados. A fé e a razão tornam o homem equilibrado, não sendo levado pelos seus sentimentos, nem pela sua racionalidade, mas, guiado pelo equilíbrio delas.

Contudo, somente compreendendo a integralidade que forma a existência do ser humano, poderemos cuidar da saúde do homem de uma forma completa, o ser físico, espiritual e psicológico. Para muitos isto parece impossível, mas para a Logoterapia, é algo muito simples.

Bibliografia

1. Livros

- Allen, E. Anthony. Saúde integral a partir da igreja local. Tradução de Maria Priscila Barro. Curitiba, editora Descoberta, 1998. 110p
- Bíblia de Jerusalém. São Paulo, editora Paulus, 1992. 2206p.
- Carl Gustav Jung. Psicologia e Religião. Petrópolis, editora Vozes, 1992. 144p.
- Collins, Garry R. Aconselhamento Cristão. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1995. 389p.
- Eissler, K. R. A psiquiatria e os pacientes terminais. Nova York: International Universities, 1955. 223p.
- Fernando, Edson e Rezende, Jonas. Dores que nos transformam – quando somos frágeis, então somos fortes. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. 136p.
- Frankl, Viktor E. The Doctor and the Soul: from psychotherapy to Logotherapy. New York: Vintage Books USA, 1986. 352p.

- Frankl, Viktor E. Em busca do sentido: um psicólogo no campo de concentração. Tradução de Walter O. Schlupp. 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1991. 136p.
- Frankl, Viktor E. Sede de Sentido. Tradução de Henrique Elfes. São Paulo: Quadrante, 1989. 167p.
- Frankl, Viktor E. Um sentido para a vida: psicoterapia e humanização. Tradução de Victor Hugo. 10ª ed. São Paulo: santuário, 1989. 159p.
- Frankl, Viktor E. A presença ignorada de Deus. Tradução de Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1992. 101p.
- Frankl, Viktor E. A psicoterapia na pratica. Tradução de Claudia M. Caon. Campinas: Papyrus, 1991. 310p.
- Sutich Anthony J. e Vich, Miles A. Relatos da Psicologia Humanística. Impressão livre, Nova York, 1969.

2. Periódicos

- Farris, James Reaves. A religião e Saúde Mental. Revista estudos de religião, São Paulo: Umesp, nº 22, 163-178, 2002.
- Farris, James Reaves. Neurose e pecado: choque ou encontro de mundos. Revista estudos de religião, São Paulo: Umesp, nº 15, 97-116, 1998.
- Johnson, Paul E. O desafio para a logoterapia. Jornal da religião e saúde, Nova York, nº 7, pagina 122, 1968.
- Higuet, Etienne Alfred. Saúde, cura e salvação no pensamento de Paul Tillich. Revista estudos de religião, São Paulo: Umesp, nº 16, 75-86, 1999.

Lemos, Carolina Teles. Religião e Saúde: a busca de uma vida com sentido. Fragmento Cultural. Goiânia, nº 3, 479-510. 2002.

Monteiro, Yara Nogueira. Doença e pecado no imaginário cristão: um estudo sobre a lepra na Idade Média. Revista estudos de religião, São Paulo: Umesp, nº 16, 93-110, 1999.

Paiva, Geraldo Jose. Psicologia e religião na discussão atual. Revista estudos de religião, São Paulo: Umesp, nº 16, 15-26, 1999

Pereira, Josias. Cura e salvação em Tillich e Jung. Revista estudos de religião, São Paulo: Umesp, nº 16, 87- 92, 1999.

3. Documentos e dados da Internet

Kratochvil, S. e Planova, I. de 1972. Citação referente a documentos eletrônicos.

<http://www.logoterapia.com.br>